

---

# **A escola como um cenário de interação social e local de empreendimentos éticos**

Clovis Brito

Doutorando do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação - Universidade Tuiuti do Paraná

---

---

## Resumo

O presente texto, que foi realizado por meio de um resgate teórico, tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a escola como um cenário de interação social e um local propício para o desenvolvimento de empreendimentos éticos, no qual os discentes sejam estimulados a pensar e analisar, diante das diversas situações que ocorrem no interior da escola, de maneira contextualizada e reflexiva, e não somente utilizando os valores morais como única possibilidade de resposta. No transcorrer do texto, desenvolvemos a ideia de que apenas a utilização dos valores morais, sem contextualização, não é suficiente para preparar os alunos para perceberem e acompanharem as grandes transformações desse período que estamos vivendo, que exige agentes sociais que naveguem pelas diferenças e percebam, dentro das várias possibilidades de respostas, aquela que melhor se adapte para uma determinada situação. Concluímos o texto afirmando que cabe aos docentes repensarem sua maneira de atuar naquele espaço – a escola – e, por meio dos empreendimentos éticos, valorizarem uma nova perspectiva para pensar as coisas daquele ambiente educacional. Uma perspectiva que propicie, além de condições reflexivas para os discentes serem capazes de viver em um mundo onde as regras morais são necessárias, mas não suficientes, também condições para eles, ao defrontarem-se com situações de conflito, não apenas responderem agindo, mas agirem depois de refletir sobre as diversas possibilidades existentes para aquele momento.

**Palavras-chave:** Escola. Ética. Moral. Empreendimentos Éticos. Relação Pedagógica.

## Abstract

The present text, which was carried out by means of a theoretical ransom, has the objective to present a reflection on the school as a scenario of social interaction and a location conducive to the development of ethical ventures, in which the students are encouraged to think and analyze, in view of the different situations that occur in the interior of the school, so as contextualized and reflexive, and not only by using moral values as the only possibility of response. Throughout the text, we have developed the idea that only the use of moral values, without contextualization, is not enough to prepare students to understand and to follow up the great transformations of that period which we are living, which requires social agents that sailing by differences and realize the that is best suited for a particular situation. We conclude the text stating that it is the responsibility of teachers rethink their way of acting in that space - the school - and, by means of ethical ventures, valuing a new perspective to think things that educational environment. A perspective that will provide, in addition to conditions reflective for learners to be able to live in a world where the moral rules are necessary, but not sufficient, conditions for them, to absorb with situations of conflict, not just respond acting, but act after reflecting on the various possibilities for that moment.

**Keywords:** School. Ethics. Moral. Ethical ventures. Pedagogic Relation.

---

---

## Introdução

Na sociedade atual, estamos passando por um momento de grandes transformações e mudanças que estão acontecendo de maneira dinâmica (MORGADO, 1999, p. 15; CARROLA, 2003, p. 74; BAPTISTA, 2005, p. 36; entre outros). Tais mudanças também incidem sobre os conhecimentos científicos produzidos em determinadas áreas que ancoram a educação, tais como “a Psicologia Educacional, a Pedagogia, a Didática, as Ciências da Educação” (MORGADO, 1999, p. 9). Estas mudanças, rápidas e intensas, acabam, de certa maneira, colocando as escolas diante de um desafio em duas vias:

*Em primeiro lugar, a especialização e atualização dos «saberes»: isto é, require-se, através dos conteúdos programáticos e da sua actualização regular, que o conhecimento científico produzido chegue aos alunos também pela escola. Em segundo lugar, é solicitada à escola uma preocupação com a formação global e pessoal do indivíduo – ou seja, torna-se necessário um esforço de integração e equilíbrio entre a dispersão e especialização de conhecimentos*

---

*e a globalização da ação educativa, de forma a evitar que a educação seja «simplesmente» transmitir conhecimentos mas, fundamentalmente, a construção de um projecto viável para chegar ao futuro. (MORGADO, 1999, p. 9).*

Podemos dizer, embasado pela referência de Morgado (1999), que a escola deve, além de preparar os alunos para uma sociedade em constante transformação e globalização, apresentar os novos saberes científicos de que as áreas educacionais estão se apropriando. Porém esses saberes não devem ser transmitidos de maneira descontextualizada, mas fazer parte de um empreendimento que vise preparar pessoas capazes de estar nesta sociedade e prontas para um futuro; mesmo que o futuro seja incerto, desconhecido e “imprevisível” (AZEVEDO, 1999, p. 30).

A escola, então, está inserida em uma sociedade que é complexa, divergente e permeada de diferenças, e tal complexidade adentra o espaço das instituições de ensino, exigindo que estas revejam algumas maneiras de pensar as *coisas* dentro daquele *cenário*. Uma dessas coisas diz respeito a como algumas situações são resolvidas no interior da escola (seja referente a conflitos relacionais, sociais e mesmo conflitos ligados à questão pedagógica), utilizando, para isso, somente argumentos morais como sendo a única possibilidade de decisão final para aqueles conflitos.

O presente texto, por ser tratar de um artigo acadêmico – e, dessa maneira, ter limitações técnicas para um maior aprofundamento teórico –, não tem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de respostas que serão levantadas no transcorrer de sua redação, pois, para tal aprofundamento, seria necessária uma discussão teórica mais complexa em um material que fosse além de um artigo acadêmico. Sendo assim, o objetivo do presente texto, que será realizado por meio de um resgate teórico, é apresentar uma reflexão sobre a escola como um cenário de interação social e um local propício para serem desenvolvidos empreendimentos éticos, no qual os discentes sejam estimulados a pensar e analisar, diante das diversas situações que ocorrem no interior da escola, de maneira contextualizada e reflexiva, e não somente utilizando os valores morais como única possibilidade de resposta. Apenas a utilização dos valores morais, sem contextualização, acreditamos não ser suficiente para preparar os alunos para perceberem e acompanharem as grandes transformações desse período que estamos vivendo, que exige agentes sociais que naveguem pelas diferenças e percebam, dentro das várias possibilidades de respostas, aquela que melhor se adapte para uma determinada situação.

Para darmos continuidade ao artigo e realizarmos a reflexão proposta, desenvolvemos o presente texto da seguinte maneira: na sequência, trataremos a diferença

entre a moral e a ética, item essencial para compreensão do texto. No tópico seguinte, discutiremos a escola na sociedade atual. No terceiro tópico, apoiado na Sociologia, explicaremos por que estamos entendendo a escola como um local e cenário de interação social. E, por último, no tópico “A escola como um local de empreendimentos éticos”, desenvolveremos a conclusão do artigo.

## Ética e a Moral – conceitos diferentes

Em alguns trabalhos consultados sobre a moral e a ética, observamos que tais conceitos são utilizados, por alguns autores, como sinônimos – item também constatado por Trindade (2012, p. 26), De La Taille (2006, p. 25) e Baptista (2005, p. 22). Esta aproximação entre o significado de moral e ética, segundo Baptista (2005, p. 22), está relacionada com a “história da sua utilização na vida comum”, ou seja, a partir do momento em que os dois termos começaram a ser utilizados – primeiro pelos gregos (ética) e, posteriormente, pelos romanos (moral) –, ambos estavam “ligados à ideia de costumes ou hábitos de vida” (BAPTISTA, 2005, p. 22).

*Etimologicamente, os termos ética e moral são sinônimos. A diferença reside somente no lugar de nascimento de cada um. O primeiro é originário do grego ethos e significa costume. Já a*

*palavra moral, que também significa costume, provém do latim morus. Assim, do ponto de vista da origem das palavras, mais do que aparentadas, elas têm significados idênticos e remetem aos costumes de um povo. Em outros termos, referem-se a um conjunto de procedimentos que têm por finalidade garantir a harmonia entre os membros de uma determinada comunidade. (PEDRO-SILVA, 2006, p. 58).*

De La Taille (2006, p. 9) propõe uma diferenciação entre a moral e a ética. Para ele, a moral visa responder “como devo agir?”, e a ética busca respostas para “que vida eu quero viver?”. Sendo assim, a moral refere-se à dimensão dos deveres, e a ética à dimensão da vida boa, da vida com sentido: “[...] falar em moral é falar em deveres, e falar em ética é falar em busca de uma vida boa, [...] de uma vida que vale a pena ser vivida” (DE LA TAILLE, 2006, p. 30). Após a leitura e a análise dos apontamentos que De La Taille (2006) realizou naquela obra, podemos dizer que a moral refere-se às normas de conduta e às verdades estabelecidas socialmente que organizam a vida em um determinado sistema social, e a ética trata de como buscar essas verdades e lidar reflexivamente com as normas determinadas.

A pesquisadora Baptista (2005, p. 22), apoiada em Lévinas (1988) e em Ricoeur (1990), aponta que, para um mundo mais justo, é interessante pensarmos na possibilidade da primazia da ética sobre a moral. Dessa maneira, para Baptista, a ética é a reflexão sobre os

princípios que devem nortear a ação humana, e a moral é a explicação de máximas de conduta e a definição de regras consideradas adequadas de acordo com os princípios que tivermos como referência. Sendo que não existe uma separação entre teoria e prática – a moral como teoria e a ética como prática – pois, para Baptista (2005), a ética e a moral estão imbricadas e totalmente relacionadas.

*[...] a moral tende a estabelecer a verdade, enquanto a ética baseia a sua existência na tentativa de busca dessa verdade, o que significa [...], que nem a verdade pode deixar de ser entendida como objeto de interpelação, nem a busca da verdade pode ser feita sem referência às verdades já estabelecidas [...]. (TRINDADE, 2012, p. 27).*

Nesse sentido, ao pensar a moral e a ética na escola, seguindo o raciocínio apresentado nos parágrafos anteriores, podemos dizer que a moral expressa um sentido de obrigatoriedade e de regularização das ações, ou seja, responde a um questionamento de como devo agir naquele espaço; a ética, por sua vez, expressa o sentimento de expansão e reflexão sobre essas regras, responde ao seguinte questionamento: qual a melhor maneira que devo agir? No interior da escola, podemos perceber que os conceitos de moral e de ética estão imbricados – como foi apontado por Baptista (2005) –, mas podem ser entendidos de maneira diferente, e a ética, quer pelo modo como tende a reconhecer

os sujeitos na sua singularidade, quer pelo estímulo à reflexão que suscita, é o conceito a ser mais explorado nesse ambiente.

*Na escola aprendemos a obedecer, aprendemos que são necessárias regras. Regras com as quais, até certo ponto, toda a gente pode concordar. No entanto, trata-se de regras instituídas, regras pouco negociáveis, regras que “já lá estão”, ao que parece para toda a eternidade. (PERRENOUD, 1995, p. 183).*

As regras postas moralmente são necessárias, mas será que elas são capazes e suficientes para determinar um posicionamento ou tomar uma decisão, dentro de uma escola que, tal como Canário (2005, 2007, 2008) se refere, deixou de ser um espaço de certezas e de promessas para se afirmar como uma instituição num tempo de incertezas?

*O efeito conjugado da expansão dos sistemas escolares e das mutações no mundo do trabalho tende a acentuar a discrepância entre o aumento da produção de diplomas pela escola e a rarefação de empregos correspondentes. É esta evolução, da qual decorre um processo de desvalorização dos diplomas escolares, que permite falar da passagem de ‘um tempo de promessas’ para ‘um tempo de incertezas’. (CANÁRIO, 2008, p. 73).*

Talvez, em outros momentos – num tempo da “escola das certezas” (CANÁRIO, 2007, p. 16) – as verdades das regras morais foram necessárias e

aceitas, dentro da escola, para preparar os cidadãos que ali estavam sendo formados e moldados para uma sociedade determinada e com características fixas; mas, hoje, essas verdades são suficientes para resolvermos os conflitos diários seja na escola ou mesmo do nosso cotidiano fora dela? Concordamos com a professora Isabel Baptista quando aponta que, para lidarmos com pequenos conflitos e incertezas do dia a dia, somente as regras morais não são suficientes.

*Reduzir a vida moral à obediência e esses códigos de expressão e de conduta significa, na verdade, uma enorme irresponsabilidade. As leis morais são necessárias mas não suficientes. Sobretudo, elas devem funcionar como balizas axiológicas, como guias de ação e não como instrumentos de controle ou punição. As normas servem para orientar caminhos, para sustentar decisões e para ajudar a enfrentar situações e não para proteger das interpelações do mundo. Indissociável da vida moral, a reflexão ética cumpre essa exigência de pensamento, de decisão e de ação, assegurando a vigilância crítica em relação a convenções e a clichês. (BAPTISTA, 2005, p. 24).*

Atualmente, dentro da complexidade de nossa época, marcada “pela incerteza, por contradições e por tensões que constantemente nos obrigam a repensar o sentido de nossas ações e das ações protagonizadas pelos outros” (TRINDADE, 2012, p. 34), aquelas verdades destacadas em outros períodos nos parece

não serem suficientes. Mas, afinal, que época é esta na qual a escola é vista como um cenário de interação social? Item que abordaremos a seguir.

## A escola na sociedade atual

Mesmo alguns estudiosos afirmando que estamos no limiar de uma nova era, e alguns se referem à emergência de um novo tipo de *sistema social*,<sup>1</sup> para o sociólogo britânico Anthony Giddens, ainda estamos vivendo a modernidade. Uma alta-modernidade, mas ainda modernidade. Não superamos as *coisas* desse sistema, apenas as aprimoramos: as guerras, as indústrias, a ciência, os controles etc. Quando a Europa superou o sistema pré-moderno, ela virou uma página e focou em coisas diferentes: cidades foram criadas (estruturadas); surgiram novas indústrias; meios de comunicação; transporte; entre tantas outras mudanças. Coisas que ainda não aconteceram no sistema social atual. “Um sistema pós-moderno será institucionalmente complexo, e podemos caracterizá-lo como representando um movimento para ‘além’ da modernidade” (GIDDENS, 1991, p. 162), sendo assim, para Giddens, (1991) ainda estamos no sistema social moderno.

<sup>1</sup>Tais como sociedade da informação (KENSKI, 2007, p. 35), do conhecimento (GADOTTI, 2000, p. 7), do espetáculo (DEBORD, 2007, p. 14) ou, até mesmo, sociedade de controle (DELEUZE, 2008, p. 215).

Mas, indiferente de qual sistema social estamos vivenciando – e isso dependendo de cada autor –, em comum os estudiosos apontam para uma sociedade complexa, globalizada e permeada por incertezas e diferenças. Cabe, então, aos agentes sociais desta sociedade, diante dos diversos dilemas morais encontrados em seu cotidiano, realizarem, antes de agir, uma reflexão ética sobre as possibilidades e consequências de suas ações.

*A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (GIDDENS, 1991, p. 45).*

A reflexividade é um tema em “destaque na sociologia contemporânea” (DORTIER, 2006, p. 599) e, apesar desta postura dos agentes sociais sempre ter existido, foi na sociedade moderna que, segundo Dortier (2006, p. 599), a reflexividade tornou-se mais visível. O indivíduo reflexivo, ainda segundo Dortier (2006), além de estar presente nos estudos de Anthony Giddens, também é encontrado nas teorias de outros sociólogos, tais como Charles Taylor, François Dubet e Bernard Lahire, entre outros.

*Na sociedade atual, em que os valores de socialização são menos rígidos, a reflexão permanente sobre as nossas próprias condutas,*

*objectivos de vida e meios para os realizar torna-se um imperativo. O nosso destino social já não é fixado antecipadamente, cada um está encarregado de construir a sua vida e por isso de pensar, de reflectir, de sopesar, de calcular, de avaliar antes de agir. (DORTIER, 2006, p. 599).*

Preparar pessoas reflexivas, para essa sociedade, torna-se cada vez mais urgente, e cabe à escola, enquanto instituição na qual as pessoas permanecem por um longo período de suas vidas, ser um cenário propício para essa preparação, pois ali, na escola, todas as diferenças sociais também estão presentes. E é também de responsabilidade da escola, além de transmitir os saberes próprios da sua cultura na qual está inserida, que faz parte do “projeto da Modernidade” (TRINDADE, 2009, p. 21), contribuir para assegurar os ideais de justiça e de igualdade que sustentam esse mesmo projeto (TRINDADE, 2009, p. 21), um projeto permeado pelas alternativas históricas que cada país, que cada sistema social, enquanto Estado-nação, vivenciou para construção de sua própria história, que incide diretamente nos saberes da escola.

*Uma escola que nasce enquadrada na afirmação e desenvolvimento dos sistemas estatais de educação escolar, os quais não se afirmam e crescem por acaso, nem ao acaso, mas devido à conjugação de um conjunto de acontecimentos e de factos históricos, políticos e culturais. (COSME, 2009, p. 20).*



Segundo Postic (1990, p. 13), “qualquer sistema escolar traz a marca da sociedade que a produziu e está organizado segundo a concepção da vida social [...] que animam essa sociedade”. Pelas necessidades sociais da modernidade, a escola atuou consentida pelo sistema social, como uma agência, pois tinha a “capacidade para realizar uma intenção” em primeiro lugar (GIDDENS, 2009, p. 10), influenciando o desenvolvimento dos discentes, instigando competências, habilidades e saberes que, se presumia, “ninguém melhor que ela podia e sabia dar” (SACRISTÁN, 2001, p. 51). E foi desenvolvendo sua função “em um espaço e em um tempo delimitados” (SACRISTÁN, 2001, p. 51), nos quais sua ação, mesmo permitida, era controlada. Esta escola, de uma maneira aceita pela modernidade, teve o objetivo de cumprir certas formalidades, por meio das quais a sociedade buscou e ainda busca impor e preservar as suas próprias coisas, a sua cultura (ROMANELLI, 1991, p. 23); mas a sociedade hoje não é a mesma que a de ontem, e exige – mesmo sem pedir diretamente – que naquele local e cenário de interação social seja estimulada a reflexividade dos atores sociais ali presentes e não apenas a sua formatação para uma sociedade determinada.

## A escola como um local e cenário de interação social

Temos consciência de que a escola, enquanto um *local* inserido em uma determinada sociedade (no mundo em que vivemos), tem compromissos incontornáveis como instituição de socialização cultural. Neste tópico não propomos resolver tal questão, mas discorrer, com o auxílio da Sociologia, por que estamos entendendo aquele espaço como um local e cenário de interação social.

Uma interação social<sup>2</sup> pode ocorrer em diversos ambientes, ou mesmo em estações que são “localizações espaço-temporais definidas dentro de regiões circunscritas” (GIDDENS, 2009, p. 132), mas assim como um lugar que é “um espaço de parada ou de passagem” (GIDDENS, 2009, p. 139), não é tão determinante como um local, pois este “assegura boa parte da fixidez” (GIDDENS, 2009, p. 139) dos envolvidos nas atividades. Nesse sentido, os locais “referem-se ao uso de espaço a fim de fornecer os cenários de interação” (GIDDENS, 2009, p. 139), e são nestes locais, nestes cenários – a escola – que um grupo de determinados atores sociais – alunos e professores – realizam os encontros pedagógicos e,

2 A interação social refere-se “a encontros em que os indivíduos se envolvem em situações de copresença” (GIDDENS, 2009, p. 104).

durante um período de suas vidas, atuam em contexto de interação.

Mas o que é um cenário? Houaiss e Villar (2008, p. 670) apontam algumas possibilidades para entender o significado da palavra cenário. A maioria das definições, pontuadas por esses autores, está relacionada a um lugar ou local onde se realizam determinadas representações (artísticas ou não) com posições definidas; ou mesmo a um lugar onde se desenvolve ou se desenvolveu algum fato ou uma cena. Ao pensarmos a escola como um cenário, podemos entender, metaforicamente, que ali naquele espaço existem determinados atores (a comunidade escolar) que desempenham suas funções, observando suas posições sociais<sup>3</sup> previamente determinadas, ou seja, cada elemento, dentro daquele cenário (os alunos, os professores, os administradores, os responsáveis etc.), conhece e desempenha suas funções, conscientemente, dentro daquele ambiente. E, por se tratar da escola, tais funções devem acontecer de maneira contextualizada através da interação que tem naquele local o cenário propício para acontecer.

A interação, segundo Goffman<sup>4</sup> (1983, p. 23), é definida “como a influência recíproca dos indivíduos

sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata”. Para esse autor, essa influência recíproca, que acontece face a face, também pode ser chamada de encontro, ou mesmo ocasião, no qual os participantes desempenham certas atividades. Um desempenho que, para Goffman (1983, p. 23), é uma atividade de um determinado participante, em uma certa ocasião, que serve para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes. Diante do exposto até então, podemos afirmar que, na escola, os atores desempenham determinadas atividades localizadas naquele cenário em situações de interação, influenciando e sendo influenciados pela ação do outro de maneira reflexiva.

As atividades localizadas dos agentes sociais dentro da escola acontecem em contextos situados de interação entre atores que estão fisicamente copresentes. Naquele cenário de interação – que são locais onde os agentes sociais influenciam e são influenciados – os envolvidos executam procedimentos de maneira intencional<sup>5</sup> ou não.

Concluindo este tópico, podemos dizer que a interação social pode acontecer em diversos lugares, mas são em locais específicos (no nosso caso a escola)

3 Uma posição social, segundo Giddens (2009, p. 98), pode ser considerada “uma identidade social portadora de uma certa gama [...] de prerrogativas e obrigações que o ator, ao qual é conferida essa identidade [...] pode executar: essas prerrogativas e obrigações constituem as prescrições de papel associadas a essa posição”.

4 O sociólogo canadense Erving Goffman, nesta obra específica, *A representação do eu na vida cotidiana*, utiliza a metáfora da ação teatral como estrutura para entender todo o funcionamento social.

5 É um conceito que “caracteriza um ato que seu perpetrador sabe, ou acredita, que terá uma determinada qualidade ou desfecho” (GIDDENS, 2009, p. 12).

que a fixação de determinadas situações acontecem, pois o espaço ali existente é propício para estabelecer um cenário de interação entre os atores ali presentes. Sendo assim, a escola pode ser entendida como um local e cenário que tem na relação pedagógica uma situação privilegiada para os atores que ali se encontram – alunos e professores – manterem um envolvimento face a face, característico daquele espaço. Tal envolvimento precisa ser reflexivamente administrado pelos envolvidos para que ali, dentro de uma instituição escolar, estes possam resolver as diversas situações de tensões que acontecem naquele encontro e, assim, consigam alcançar os objetivos próprios daquela relação (enquanto objetivos específicos da educação escolar e também específicos para manutenção da relação pedagógica). Para que isso ocorra, concordamos com Trindade (2012) que aponta ser necessário pensar a escola como um espaço de empreendimentos éticos.

## A escola como um local de empreendimentos éticos

Neste tópico amarraremos algumas considerações apontadas no transcorrer do texto, com o intuito de propiciar uma reflexão sobre a escola como um cenário

de interação social e um local propício para serem desenvolvidos empreendimentos éticos – item indicado como sendo nosso objetivo para este artigo.

Temos ciência de que no cenário escolar existem diversos atores sociais que atuam naquele espaço: as pessoas que administram a instituição; as que cuidam da segurança; as que realizam a limpeza; as que fazem as refeições, entre outras. Todavia, neste tópico, falaremos especificamente dos alunos e dos professores. Agentes sociais, oriundos de um meio externo à escola, que se encontram em um determinado espaço e ali interagem na relação pedagógica, e, ao saírem daquela *ocasião social*,<sup>6</sup> levam consigo, para o mundo além dos muros da escola, marcas que os acompanham por seus trajetos de vidas, um item da interação social que acontece na relação pedagógica.

*A relação pedagógica, no seu sentido íntimo e último, ultrapassa os limites das inter-relações culturais, sociais e comunicativas para se representar, ela mesma, na consciência futura de quem por ela foi fortemente tocada. (CARROLA, 2003, p. 267).*

Para Carrola (2003), não são apenas os alunos que são influenciados pela representação da relação pedagógica, mas também os docentes que, assim como os discentes, entram na relação pedagógica portando

<sup>6</sup> Que pode ser pensada como uma reunião realizada em contextos mais formalizados envolvendo uma pluralidade de indivíduos (GIDDENS, 2009, p. 83).

certas “representações das coisas do mundo” (p. 3), certas verdades que, algumas vezes, entram em conflito no contato direto com seus alunos, exigindo uma nova maneira para repensar certos acontecimentos, tanto dentro como fora da escola. “A representação do mundo [...] e o da relação pedagógica, não são independentes dele nem das ações que os sujeitos exercem no mesmo” (CARROLA, 2003, p. 35). As duas situações – a representação do mundo e a relação pedagógica – influenciam e são influenciadas pelos agentes sociais que ora são alunos e professores (dentro da escola) e ora são cidadãos na sociedade, se é que podemos fazer tal divisão.<sup>7</sup>

Dessa maneira, cabe aos integrantes da escola repensarem sua maneira de atuar naquele espaço e, por meio dos empreendimentos éticos, valorizarem uma nova perspectiva para pensar as coisas daquele ambiente educacional. Uma perspectiva que propicie, além de condições reflexivas para os discentes serem capazes de viver em um mundo onde as regras morais são necessárias, mas não suficientes; também condições para eles, ao defrontarem-se com situações de conflito, não apenas responderem agindo, mas agirem depois de refletir sobre as diversas possibilidades existentes para

aquele momento (TRINDADE, 2012, p. 29).

Os empreendimentos éticos, dentro do cenário da escola, não devem ficar circunscritos “nos espaços curriculares, nos temas e nos projetos [...] de formação moral e relacional dos alunos” (TRINDADE, 2012, p. 29), mas devem avançar para um projeto mais abrangente. Pois, ao restringir ou circunscrever os empreendimentos éticos, poderemos desvalorizar as relações que acontecem no encontro da sala de aula entre alunos-professores ou mesmo alunos-alunos, que deixam de ter uma preocupação de caráter ético; os temas, ou conteúdos, quando impostos sem contextualização, podem simplesmente formatar os alunos, mas não formá-los reflexivamente; e os projetos de formação moral e relacional, quando também impostos, podem criar cidadãos que não sejam capazes de assumir comportamentos eticamente desejáveis e consequentes. Por esses motivos que os empreendimentos éticos, dentro do cenário da escola, devem ser pensados como:

*Um projeto de natureza abrangente que parte do princípio que é em torno de uma relação interpelativa que se estabelece entre os sujeitos e o que à sua volta se encontra instituído que se torna possível promover o desenvolvimento de uma atitude ética em*

<sup>7</sup> Penso que esta divisão não é tão simples como demonstra ser. Sou professor/cidadão (ou vice-versa) estando na escola; ou no mercado; ou no estádio de futebol; ou no banco... ou seja, os valores estão imbricados em uma mesma pessoa, não há como separar o sujeito e dizer: aqui sou um professor; ali sou um cidadão.

*face do mundo que percorremos. [...] Um empreendimento que se justifica pelo modo como entende que os sujeitos, mais do que herdar valores, têm de se apropriar dos mesmos, o que passa por lhes atribuir significados e sentidos em função de situações de vida diversas, em uma operação que se pressupõe diálogo e reflexão sobre estas situações e aqueles significados. (TRINDADE, 2012, p. 29-30).*

As diversas atividades desenvolvidas na relação pedagógica, ao estarem amarradas à primazia da ética – e a um projeto de empreendimento ético mais complexo – propiciam aos atores envolvidos naquele encontro condições para perceberem, por meio do processo de construção, os significados e os sentidos que os envolvem em uma determinada tarefa, tendo em vista que, durante o processo pedagógico, os discentes estão interpelando e sendo interpelados pelo professor, pelos pares e mesmo pelo patrimônio cultural do tempo em que vivemos, já que as atividades dentro do cenário da escola estão ligadas com as coisas do mundo e vice-versa. Dessa forma, o discente acaba percebendo e lidando com diversas situações e possibilidades de respostas, cabendo a ele, de maneira reflexiva, optar por aquela que melhor se adapte, eticamente, para aquela situação.

A escola, na atualidade, enfrenta um grande desafio, pois, além de transmitir os valores da sociedade na qual está inserida, e de resgatar e valorizar o que já se

conhece historicamente, também deve preparar pessoas que possam deslocar-se dentro deste sistema social. Sendo assim, concordamos com Trindade (2012), que nos aponta que utilizar somente os valores morais para justificar e respaldar as funções na escola não é suficiente, já que as verdades da moral só encontram significado quando confrontadas pelos princípios éticos. Desse modo, uma das grandes tarefas da ética na educação é a “de promover o respeito em relação ao que nos pré-existe [...]. Um respeito que passa, forçosamente, por uma relação que oscila entre a fidelidade e a infidelidade” (BAPTISTA, 2005, p. 36), pois os docentes devem também estimular a crítica ao que está posto, sendo assim infiel, mas não negar a transmissão do que está historicamente contextualizado, sendo assim fiel.

*Podemos dizer que o debate contemporâneo se orienta no sentido da conciliação entre as duas tradições, afirmando a importância da autonomia racional ao mesmo tempo em que aposta nos valores do enraizamento, sem os quais, na verdade, a humanidade não seria mais do que uma abstração vazia. (BAPTISTA, 2005, p. 37).*

É dentro da escola, um cenário de interação e um local de empreendimentos éticos, que acontece a relação pedagógica, um encontro que envolve alunos e professores em situação de copresença. Neste local

específico, permeado por diferenças, é desenvolvida a relação educativa. Segundo Postic (1990, p. 2), aquela ocasião social – a relação educativa – não deve ser pensada mais isoladamente do mundo, mas aceitando as coisas que a circundam como um fator determinante na relação pedagógica.

*[...] em vez de conceber a relação educativa sob forma de uma comunicação entre aluno e o docente, no meio da massa dos alunos da turma, e de a abordar, apenas, pelas categorias dos parceiros, ela é colocada actualmente num sistema de relações mais vastas, englobando as relações sociais na turma, as relações entre a turma, a escola, a sociedade, as relações dos indivíduos com o saber e a cultura. (POSTIC, 1990, p. 2).*

Ao pensarmos a escola como um local de empreendimentos éticos, onde os atores ali envolvidos (alunos e professores) estão constantemente questionando e sendo questionados; construindo e desconstruindo caminhos; percebendo e lidando

com diferenças existentes naquele ambiente; defrontando-se, constantemente, com dilemas morais, temos que ter consciência de que não é uma tarefa fácil, pois alguns paradigmas, que estão imbricados na instituição escolar, deverão ser ultrapassados. Entre estes podemos citar, como exemplos, o poder centrado no professor; a utilização da avaliação como meio de punição; o paradigma que aponta que o ato de ensinar na escola deve ser realizado em função de questões cujas respostas já se encontram determinadas; entre outros. Mas, cientes destas dificuldades, acreditamos que pensar a escola como um local de empreendimentos éticos é um caminho possível, pois, neste empreendimento, tanto os alunos quanto os professores acabam envolvendo-se de maneira reflexiva na atividade educativa e, dessa maneira, ambos saem daquele encontro com uma nova visão sobre o que foi desenvolvido naquela ocasião social.

## Referências

- AZEVEDO, J. *Voos de borboleta* – escola, trabalho e profissão. Porto: Edições Asa, 1999.
- BAPTISTA, I. *Dar rosto ao futuro*: a educação como compromisso ético. Porto: Profedições, 2005.
- CANÁRIO, R. *O que é a escola?* Um olhar sociológico. Porto: Porto Editora, 2005.
- CANÁRIO, R. *A escola tem futuro?* das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CANÁRIO, R. A escola: das “promessas” às “incertezas”. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 73-81, maio/ago. 2008.
- CARROLA, J. *Representações na relação pedagógica*: a permanência da representação sensível. 500 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2003.
- COSME, A. *Ser professor*: a ação docente como um acção de interlocução qualificada. Porto: Livpsic, 2009.
- DE LA TAILLE, Y. *Moral e ética*: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- DELEUZE, G. *Conversações*: 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.
- DORTIER, J. *Dicionário das ciências humanas*. Lisboa: Climepsi, 2006.
- GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 2, abr./jun. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/SciELO.php?pid=S010288392000000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/SciELO.php?pid=S010288392000000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 ago. 2009.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias*: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Coimbra: Edições 70, 1988.
- MORGADO, J. *A relação pedagógica*: diferenciação e inclusão. Lisboa: Presença, 1999.
- PEDRO-SILVA, N. Ética, (in) disciplina e relação professor aluno. In: DE LA TAILLE, Y.; PEDRO-SILVA, N.; JUSTO, J. (Orgs.). *Indisciplina – disciplina*: ética, moral e ação do professor. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 55-95.

- PERRENOUD, F. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto, 1995.
- POSTIC, M. *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra, 1990.
- RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- ROMANELLI, O. *História da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- SACRISTÁN, J. *A educação obrigatória: seu sentido educativo e social*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TRINDADE, R. *Escola, poder e saber: a relação pedagógica em debate*. Porto: Livpsic, 2009.
- TRINDADE, R. A ação educativa como um empreendimento ético: uma reflexão que se quer mais urgente do que necessária. In: GARCIA, J.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Ética e educação: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: WAK, 2012. p. 23-84.